

O PODER DE UMA VIDA EM CONTEXTO DE RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA

Rosinei Ronconi Vieiras¹
Fernanda Rezende²

Resumo: O estudo realizado envolve-se com a problemática da relação cultura-natureza presente no contexto de sociedades majoritariamente capitalísticas e algumas das consequências desta relação no espaço. Toma o caminho de uma perspectiva da interdependência entre as dimensões humanas e não humanas. Discute o papel que a vida tem assumido no contemporâneo como força de resistência a diferentes formas de assujeitamento as quais encontra-se exposta e a importância de engendrar saídas que escapem desse processo de achatamento das condições de vida imposto por um modelo mercantilizado presente em determinados sistemas econômicos. O envolvimento teórico é realizado principalmente com a intercessão dos pensadores franceses Gilles Deleuze, Félix Guattari e Bruno Latour. Apostava na importância de se potencializar diferentes formas de existências concomitantemente com produção de variadas maneiras de (re)existir.

Palavras-chave: Natureza; ecológica; resistências.

Abstract: The study carried out involves the problematic of the relation culture-nature present in the context of societies mainly capitalistic and some of the consequences of this relation in the space. It takes the path from a perspective of the interdependence between human and non-human dimensions. It discusses the role that life has assumed in the contemporary as a force of resistance to different forms of subjection, which life has been exposed and the importance of engendering exits from this process of flattening the conditions of life imposed by a mercantilist model present in certain economic systems. The theoretical involvement is carried out mainly with the intercession of the French thinkers Gilles Deleuze, Félix Guattari and Bruno Latour. It emphasizes the importance of potentiating different forms of existences concomitantly with the production of various ways of (re)existing.

Keywords: Nature; ecologica; resistance.

Introdução

O grande filósofo holandês Baruch Espinosa, já no século XVII, em sua mais importante obra, intitulada “Ética”, propõe que ninguém determinou até agora o que o corpo pode e o que não pode fazer (SPINOZA, 2013). Tal proposição levou/provocou diferentes pensadores a estudarem o assunto e formularem diferentes problematizações.

Foi um de seus principais estudiosos, Gilles Deleuze (1998), quem faz da proposição de Spinoza um questionamento: “O que pode um corpo? De que afetos ele é capaz? O autor lembra que vivemos em um mundo no qual os poderes estabelecidos tem interesse em nos comunicar afetos tristes, aqueles que diminuem nossa potência de agir e nos faz de escravos. É no rastro dessa perspectiva, que o filósofo húngaro residente no Brasil, Peter Pál Pelbart, ao longo de seus estudos, observa que o pensador francês Gilles Deleuze não se cansou de dizer, ao longo de sua obra, que ao pensamento cabe inventar novas possibilidades de vida. Diríamos ainda, inventar/produzir novos/outros modos de existência.

É na esteira desse pensamento e perspectiva que nos questionamos: o que seria da vida (de cada/uma vida) sem essa possibilidade/capacidade de invenção e reinvenção? Estando diante

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rosineirv@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: ferezende.ef@gmail.com.

de um mundo em que tais possibilidades tem sido constantemente, quando não confiscadas, nos sãos apresentadas prontas, o que podemos ou o que nos resta a fazer? O que podemos com nossa vida e o que a vida pode diante do assujeitamento e aviltamento em que são submetidos tantos corpos e relações?

Corpos não humanos e humanos confiscados de sua potência e apartados de sua intrincada rede de relações e interações. A própria Terra (como também a terra) nos foi confiscada. Dela procuram se apossar. Expropriam, espoliam e dilapidam sua energia, sua potência de fazer existir.

O que pode a Terra? Será que ela ainda pode? O filósofo Slavoj Zizek observa, com base em alguns geólogos e biólogos, o que acredita estar se configurando em nossos dias no que diz respeito às relações cultura-natureza ou, de outra maneira, a relação que nossas sociedades industriais tem estabelecido com o “meio ambiente”. Segundo o autor, o equilíbrio natural do nosso mundo já é – em certa extensão – acomodado com a nossa poluição. Imaginemos subitamente suprimir ou diminuir a poluição. Isso causaria uma impressionante catástrofe desequilibrada na reprodução natural. A natureza já inclui nossa poluição, argumenta o autor (ZIZEK, 2007).

Próximo a essa linha pensante, mas sob outras perspectivas e diferentes movimentos, Guattari (1990, p. 24) nos lembra que [...] jamais o trabalho humano ou o habitat voltarão a ser o que eram há poucas décadas, depois das revoluções informáticas, robóticas, depois do desenvolvimento do gênio genético e depois da mundialização do conjunto de mercados.

O que se percebe nessas ideias é a interdependência da nossa relação com diferentes movimentos existentes e com o próprio espaço e/ou ‘meio ambiente’. O humano, portanto, com toda sua atividade – inclusive industrial – já desenvolveu uma espécie de simbiose com o planeta a ponto de que sua retirada ou eliminação de sua atividade, também acarretaria problemas para o planeta.

Sem entrar no mérito da veracidade, ou do “Juízo”, segundo o qual para Deleuze (2010) impede a criação/surgimento de outros modos de existência, o que pretendemos reter é a congruência e inseparabilidade para com o meio no qual estamos imanentemente inseridos. Portanto, embora possam ser contestadas, em tais ideias se fazem presente a produção de uma outra imagem: a de uma rede que confundi e conecta “natureza”, “humano” e “cultura”. Seria como se “a natureza não existisse”, isso na forma de algo “divino” no qual os seres humanos perturbariam um determinado equilíbrio que precisaria ser restaurado.

É dentro dessa perspectiva que acreditamos inserir-se o pensamento de Guattari (1990, p. 25) quando menciona que, “Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referências sociais e individuais.”

Acompanhando essa linha provocativa, está uma observação realizada por Deleuze (1997), a respeito da literatura fragmentária do norte-americano Walt Whitman e sua envergadura poética ao discorrer sobre/com a natureza. Inspirado no artista, Deleuze observa que “[...] Natureza não é forma, mas processos de correlação: ela inventa uma polifonia, ela não é totalidade, mas reunião, ‘conclave’, ‘assembléia’ [...]” (DELEUZE, 1997, p. 71).

Sob outras perspectivas, o pensador francês Bruno Latour (2004) desenvolve uma ideia em que problematiza determinada ideia de natureza e, ao mesmo tempo, essa complexa relação cultura-natureza. Trabalhando a ideia de “ecologia política”, o autor expõe os obstáculos e a importância de reunir e articular os “dois coletivos” o qual ele chama de “humanos” e “não-humanos”.

Todas essas/as empreendidas que insinuam uma articulação, assembleia, interação entre elementos não humanos e humanos, se não suficientes para desconstruir determinadas bases modernas que alimentam dicotomias e dualidades hierarquizantes, ao menos vem contribuindo para provocar e introduzir outros modos de se pensar essa relação.

Produzir saídas, escapar e inventar outras relações

Pensar outras maneiras de habitar o território, reapropriar-se do que nos foi tomado. Nos desapossaram do mundo, lembra Deleuze (1998). Desterritorializar-se das imagens prontas que informam o que já está dado, para criar, inventar ou abrir outras possibilidades. Produzir ou seguir, outras linhas, mesmo que erráticas, desterritorializando-se dá univocidade do sentido e/ou modelo.

Diante de um cenário em que o risco – o qual nos falara Ulrich Beck (2011) – se apresenta dentre outras, na forma de desastres, injustiças e crimes ambientais, tal empreitada torna-se cada vez mais necessária, cabendo ao pensamento, como já enunciado por Deleuze, produzir outros modos de existências. Inventar saídas para esse modelo majoritário não apenas branco-ocidental-hétero-cristão, mas também de produção mercantilizada que assujeita e expropria a vida e todas as suas dimensões.

Mas como escapar dessa produção subjetiva de captura impetrada pela máquina capitalística e vislumbrar outras possibilidades, mesmo diante desse cerco produzido pelo capital em diferentes esferas/instâncias? Como engendrar outros processos e/ou arranjos coletivos/produtivos que não estejam subordinados ou submetidos à lógica perversa, predatória e excluente do capital?

Em um campo onde as relações que se estabelecem são atravessadas por um plano em que a produção de subjetividades produzidas pelo capital se infiltra em nosso modo de pensar e agir, parece que cada vez mais se faz necessária uma resposta nesse mesmo nível, como observado por Guattari (2012) quando problematiza uma resposta à crise ecológica. Para o autor, uma verdadeira resposta só ocorrerá se for operada uma revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de força visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de inteligência e de desejo.

Talvez essa empreitada e ousadia do autor possam parecer desmedida – talvez ao ponto de desestimular – considerando o cenário de insustentabilidade e espoliação em que nos situamos, sendo que, a cada dia, somos surpreendidos por uma espécie que deixa de existir, por um rio violentado, uma floresta agredida, uma criança usurpada, um trabalhador explorado. Nesse mesmo caminho, Guattari (2012) lembra que também se tem alargado a percepção de estar se comprimindo os gestos de solidariedade e, da mesma forma, a ação centrípeta de estender um braço!

No entanto, acreditamos que dentro deste mesmo cenário outras linhas parecem estar sendo gestadas. Movimentos de resistências que não se aplicam as tradicionais lutas de outrora, mas sim indicam processos de produção de outras subjetividades, dissidentes da corrente majoritária em que se encontra a lógica consumista, modelizante e excluente. Movimentos que ao reivindicar um mundo para todos, vai ao encontro da produção de uma “eco-lógica”, no sentido que Guattari (2012) atribui à expressão. Para o autor, que transversalizou sua própria vida em militância e produção teórico-conceitual, faz-se cada vez mais necessário se reinventar,

Construir sua própria vida, construir algo de vivo, não somente com os próximos, com as crianças – seja numa escola ou não – com amigos, com militantes, mas também consigo mesmo, para modificar, por exemplo, sua própria relação com o corpo, com a percepção das coisas: isso não seria, como diriam alguns, desviar-se das causas revolucionárias mais fundamentais e mais urgentes? (GUATTARI, 1987, p. 67).

Nesse sentido, a aposta pela sustentabilidade é uma aposta pela vida, que, em nosso entender, passa pela produção e/ou potencialização de uma outra lógica – uma “eco-lógica” – viabilizada por uma “ecosofia”, à qual Guattari (2012, p. 23), menciona como uma:

[...] recomposição das práticas sociais e individuais que agrupam segundo três rubricas complementares – a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental – sob a égide ético-estética de uma ecosofia. As relações da humanidade com o *socius*, com a psique e com a “natureza” tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto.

A noção de sustentabilidade sob essa perspectiva transversaliza tanto o âmbito empresarial, governamental e da própria cidadania onde a atual compreensão do que se entende por essa noção ainda está muito atrelada ao ambiental. O desafio de se pensar/conceber a sustentabilidade nesses termos seria o de poder reconhecer e operar com as dimensões econômicas, sociais, culturais, político-institucionais, físico-territoriais e científico-tecnológicas (MATURANA et al., 2009). O autor também reconhece que a compreensão de sustentabilidade ultrapassa as fronteiras do ambiental e lembra que o grande problema não está no consumo e descarte por si só, mas no modo como o fazemos, ou seja, não respeitando o tempo necessário para de recuperação e absorção pelos sistemas.

Um outro modo, portanto, de nos relacionarmos com o espaço se faz necessário e urgente. Desterritorializar-se física e subjetivamente dos hábitos que implicam mortes e assujeitamentos, que despotencializam a vida. Entretanto, ao mesmo tempo, também se faz necessário um novo modo de habitar o território. Nesse aspecto, Deleuze (2010, p. 127) observa que “[...] adquirimos hábitos contemplando, e contraindo o que contemplamos. O hábito é criador [...]. Criador de novos hábitos, de outros modos, de novas formas de relacionamentos e diferentes modos de existências.

A nova terra, salienta Deleuze e Guattari (2010), só podemos reencontrá-la através da experimentação radical da desterritorialização. Aliás, se a desterritorialização e/ou reterritorialização social e psíquica operada pelo capitalismo é violentamente criticada – ou denunciada – é porque não vai suficientemente longe, não vai até o fim e sempre tenta conjurar e adiar a descoberta de uma nova terra, de um “mundo outro”³ ou de um outro modo de existência, através de reterritorializações factícias. Assim, talvez fosse preciso aproximar a ideia de fim da transcendência à de plano de imanência, a ideia de fidelidade à Terra à de uma nova terra, e a ideia de advento do além-do-homem à de um povo por vir, ou melhor, em devir.

Mais uma vez, portanto, é importante compreender que, no domínio ambiental, os graves problemas ecológicos são criados pelas empresas e pelas comunidades humanas não apenas pela degradação que geram ao ambiente no que tange a conseguir/extrair os elementos necessários e transformá-los em desejos, pois, isso os seres vivos o fazem a todo momento. O problema reside na irresponsabilidade e na inconsciência de como conduzimos e/ou nos comportamos na relação com o meio (MATURANA et al., 2009).

Essa outra relação como o meio não se dá pela hierarquização de um domínio sobre o outro, mas sim pela congruência na relação da antroposfera com a biosfera. Ambas dimensões são constituintes da vida e habitam o mesmo mundo, a mesma terra. “Antro” é “bio”, por mais que tenha se distanciado, principalmente a partir da criação de uma outra dimensão: a mecanosfera.

³ Uma noção trabalhada por Michel Foucault ao longo de alguns de seus cursos no Collège de France em que pretende realizar uma inversão da concepção Platônica de “outro mundo”. Nessa noção de “mundo outro” as revoluções se dão na imanência da vida cotidiana e em seus micros contextos.

Diferentes dimensões, uma só Terra...

As máquinas constituem uma outra dimensão de nossa contemporaneidade. Antroposfera, biosfera e mecanosfera não são inseparáveis embora possam se distinguir. Tampouco representam “esferas” isoladas – como o termo possa sugerir – mas sim universos de referência que se intercomunicam produzindo agenciamentos coletivos que, por sua vez, contribuem com processos de produção de subjetividades.

Se determinadas máquinas técnicas possam ter contribuído e acelerado o processo de deterioração e esgotamento de espécies e sistemas vivos, também é verdade que elas já compõem de forma congruente com outras dimensões existentes. Nesse caso, portanto,

Mais do que adotar uma atitude de frieza em relação a imensa revolução maquinica que varre o planeta (com o risco de acabar com ele) ou de afarrar-se aos sistemas de valor tradicionais cuja transcendência pretender-se-á refundar, o movimento do progresso, ou se preferimos, o movimento do processo, se esforçará para reconciliar os valores e as máquinas. Os valores são imanentes às máquinas [...] (GUATTARI, 2012, p. 65).

Reconciliar os valores e as máquinas, fazer desse perigo de morte que pesa sobre a biosfera, uma política de produção de vida segundo outras coordenadas. Uma heterogênesse ontológica e maquinica de criação. Tal investida, corresponderia, nas palavras de Guattari (2012, p. 85):

Produzir uma nova música, um novo tipo de amor, uma relação inédita com o social, com a animalidade: é gerar uma nova composição ontológica correlativa a uma nova tomada de conhecimento sem mediação, através de uma aglomeração pática de subjetividade, ela mesma mutante.

Essas novas sensibilidades passam por diferentes tipos de agenciamentos e outros universos de referências em que se encontra aquilo que o autor denomina de “paradigma estético” cujas implicações são principalmente ético-políticas. A arte, a poesia e a musicalidade também correspondem a dimensões essenciais da vida com muito a nos ensinar.

Trata-se de fazer valer uma ecologia generalizada, denominada de “ecosofia”, que agira como objeto de regeneração política e engajamento ético, estético, analítico, na iminência de criar novos sistemas de valores, um novo gosto pela vida, novas suavidades entre os sexos, entre as etnias e as idades. (GUATTARI, 2012).

A perspectiva em questão, em nosso entender, abole o “centrismo” presente nas concepções humanistas, biológicas e mesmo maquinicas. Não se trata mais de hierarquização e domínio, mas de composição singularizante. De atravessamentos potencializantes de novas relações em que diferentes dimensões coexistem. Um mundo no qual caibam e coexistam muitos mundos.

Uma tarefa: resistir...

Segundo Deleuze e Guattari (2010) não há falta comunicação, pelo contrário, temos comunicação demais, falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente. A esse presente que se manifesta de forma nefasta, apropriando-se, desapropriando e espoliando a vida e tudo aquilo que a potencializa. Resistência a esse presente é que se faz necessária.

Resistir de variadas formas. Criar outras saídas para lidarmos com os diferentes tipos de miséria produzidas pelo/no presente. Resistir à servidão, ao intolerável e ao abominável que se

faz presente, não é tarefa somente da filosofia e da arte, mas de todos e cada um que busca/almeja a criação de um mundo outro, de um povo por vir.

Seja pelo/com o corpo, seja pela escrita, seja com a própria vida tomada em sua potência de existir, a resistência se faz variadamente necessária. Essas resistências assim concebidas implicam existências, constituem-se como força propositiva e ativa que confirma a afirmação de cada uma vida.

Desse modo, ao mesmo tempo que esse presente nos atormenta, ele também nos impõe justamente um desafio: o de potencializar outras existências; de fazer uma nova terra nessa terra; produzir um “mundo outro” a partir deste mesmo mundo, de extraímos dele o seu melhor. Em outras palavras, corresponderia ao convite de acreditar no mundo, esse mundo do qual nos desapossaram. Seria, também, engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície e volume reduzidos (DELEUZE, 2013). Nesse sentido, entendemos que o que está sendo gestado em nosso contemporâneo é justamente essa paradoxal relação em que a vida, subsumida e apropriada pelo capital, se constitui como força/potência de luta e resistência a todas as formas de assujeitamento que se impõe sobre a mesma.

Referências

- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *Conversações*. Tradução de Péter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- _____. *Revolução Molecular*: pulsões políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- _____. *Caosmose*: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.
- LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza*: como fazer ciência na democracia: Tradução Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- MATURANA, Humberto. et al. *Sustentabilidad o armonia biológico-cultural de los processos*. Disponível em: <<https://msamoraes.files.wordpress.com/2014/02/maturana-humberto-et-all-2009-matriz-c3a9tica-do-habitar-humano.pdf>>. Acesso em: 5 de mai. 2017.
- SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução de Tomáz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Ecologia sem Natureza*. Tradução e edição de Gabriel Kogan. 2007.